

ANÁLISE FONOLÓGICA E SEMÂNTICO-COGNITIVA DOS IDEOFONES DO CHANGANA

SEMANTICO-COGNITIVE AND FONOLOGICAL ANALYSIS OF IDEOFONES OF CHANGANA

ANÁLISIS SEMÁNTICA-COGNITIVA Y FONOLÓGICO DE LOS IDEOFONES EN CHANGANA

David LANGA*

Ezra Chambal NHAMPOCA**

Resumo: A presente comunicação visa apresentar e discutir os ideofones em Changana (S53). Os ideofones são a associação entre um determinado som, cor, estado, dor, intensidade, etc. e a consequente reação na mente do indivíduo (DOKE, 1935; SITOE, 1996). Desde esta data, vários estudos e propostas de definição de ideofones foram realizados, mais recentemente Nhampoca (2018, p. 284) propõe ideofones como “uma unidade lexical marcada que desempenha, principalmente, a função predicadora e modificadora de uma ação, um evento, um estado, marcando cenas intensas que ocorrem em situações específicas na língua”. O conceito inovador na teoria linguística, visto que a sua semântica, fonologia e sobretudo morfologia não cabiam nas cinco categorias lexicais principais tradicionais a saber: “N(ome), V(erbo), ADJ(ectivo), ADV(érbio) e PREP(osição) categorias tradicionais (LANGA, 2004; 2013). O presente estudo é interdisciplinar envolvendo a área da linguística cognitiva, teoria de marcação tipológica (CROFT, 2000; 2001) e o princípio de marcação (GIVON, 1995; 2001) e área da fonologia, teoria de traços distintivos (CHOMSKY & HALLE, 1968) e a peso fonológico (HYMAN, 1975; NGUNGA, 2000). O texto argumenta que, em Changana, o ideofone é um predicador marcado em relação ao verbo na medida em que o verbo predica no estado básico das coisas e o ideofone em situações específicas. Fonologicamente, os ideofones ganham intensidade e expressividade através das unidades portadoras de tom, tal que o peso fonológico é proporcional à construção cognitiva do falante/ouvinte. A metodologia de recolha de dados usada foi a consulta bibliográfica (NHAMPOCA, 2010; SITOE, 2011) e entrevista. A análise de dados é baseada na gramática de construções radical (CROFT, 2000, 2001) e através do método experimental (*speech analyser*). O estudo conclui que há uma clara

* Mestre e doutor em Linguística, pela Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique. Pesquisador na área de Fonética e Fonologia das Línguas Bantu. Contato: daslanga@gmail.com.

** Mestre em Linguística, pela Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique, e Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. Pesquisadora em Lexicologia e Lexicografia das línguas bantu e do português de Moçambique. Contato: ch_ezra@yahoo.com.br.

interdisciplinaridade entre as duas áreas discutidas e que ideofones são palavras marcadas que pode intensificar sua carga semântico-cognitiva em conformidade com o peso da vogal.

Palavras-chave: Ideofones; linguística cognitiva; peso fonológico, changana.

Abstract: This paper presents and discuss the ideofones in Changana (S53). These is na association between certain sound, color, stat, pain, intensity, etc. and their consequent reaction in the certain individual mind (DOKE, 1935; SITOE, 1996). From this date, many studies and proposals have been done, more recently Nhampoca (2018, p. 284) proposes ideofones as “a marked lexical unit with the main role of predication and changing of an action, an event, a state, marking intense scenes witch occur in specific language situation”. This concept is innovative in language theory, because their sematic, fonology specially morphology were not fit in the tradictional lexical categories, namely: “N(oun), V(erb), ADJ(ective) and PREP(osition) (Langa, 2004; 2013). The present study is interdisciplinary involving the field of cognitive linguistics, the teory of typology marking (CROFT, 2000; 2001) and the marking principle (GIVON, 1995; 2001) and the field of phonology, the theory of distinctive features (CHOMSKY & HALLE, 1968) and fonological weigh theory (HYMAN, 1975; NGUNGA, 2000). The paper argues that, in Changana, the ideofone in specific situations. Fonologically, the ideofone is a marked predicator in relation to the verb because the verb predicts the state of things and the ideofone give them the intensity and expressy thought the bearing tone units, in the way that the fonological weight is proportional of cognitive construction of speaker/listener. The methodology used is a bibliographic research (NHAMPOCA, 2010; SITOE, 2011) and interview. The data analyzes is based in the grammar of radical constructions (CROFT, 2000; 2001) and experimental method (Speech analyzer). The study concludes that there is a clear interdisciplinary between the both field discussed, which the ideofone are marked words which can intensify their semantic-cognitive according to the vowel weight.

Key words: Ideofones; cognitive linguistics; phonological weight, Changana.

Resumen: Esta comunicación plantea y discute los ideofones en Changana (S53). Los ideofones son una asociación entre sonido, color, estadio, dolor, intensidad, etc. y una consecuente reacción mental del sujeto (DOKE, 1935; SITOE, 1996). Hay diferentes estudios y propuestas proponen una definición de los ideofones pero recientemente, Nhampoca (2018: 248) propuso una definición de ideofones como “una unidad lexical marcada que desempeña, principalmente, la función predicadora y modificadora de una acción, un evento, un estadio, marcando cenas intensas que ocurren en las situaciones específicas en la lengua”. Esto concepto es innovador en la teoría lingüística pues, su semántica, fonología y especialmente su morfología no hace parte de las cinco principales categorías lexicales tradicionales, que son: “N(ombre), V(erbo), ADJ(etivo) y PREP(osición)” (LANGA, 2005; 2013). Este estudio interdisciplinar envuelve la lingüística cognitiva, teoría de la marcación tipológica (CROFT, 2000; 2001), principio de la marcación (GIVON, 1995; 2001), fonología y teoría de rasgos distintivos (CHOMSKY & HALLE, 1968) y el peso fonológico (HYMAN, 1975; NGUNGA, 2000). Esta comunicación argumenta que, en Changana, el ideofone es un predicator

marcado en relación al verbo porque, el verbo predica el estadio normal de las cosas y el ideofone en situaciones específicas. Desde una perspectiva fonológica, los ideofones ganan intensidad y expresividad a través de las unidades portadoras de tono, a tal punto que, el peso fonológico es proporcional a la construcción cognitiva del hablante oyente. La metodología elegida en la recolección de datos fue la consulta bibliográfica (NHAMPOCA, 2010; SITOE, 2011) y entrevista. La análisis de datos se basó en la gramática de construcciones radicales (CROFT, 2000; 2001) y a través del método experimental (*speech analyser*). Este estudio concluye que hay una interdisciplinaridad entre las dos áreas que si discutirán. Los ideofones son palabras marcadas que pueden intensificar su carga semántica-cognitiva en conformidad con el peso de la vocal final.

Palabras-clave: Ideofones; lingüística cognitiva; peso fonológico, changana.

Introdução

A presente comunicação visa apresentar e discutir alguns ideofones em Changana (S53), tendo em conta a sua fonologia e a influência que processos fonológicos desencadeiam no nível semântico-cognitivo dos ideofones. Os ideofones são a associação entre um determinado som, cor, estado, dor, intensidade, etc. e a consequente reação na mente do indivíduo (DOKE, 1935; SITOE, 1996). Desde esta data, vários estudos e propostas de definição de ideofones foram realizados, mais recentemente Nhampoca (2018, p. 284) propõe ideofones como “uma unidade lexical marcada que desempenha, principalmente, a função predicatora e modificadora de uma ação, um evento, um estado, marcando cenas intensas que ocorrem em situações específicas na língua”. O conceito é inovador na teoria linguística, visto que a sua semântica, fonologia e sobretudo morfologia não cabiam nas cinco categorias lexicais principais tradicionais a saber: “N(ome), V(erbo), ADJ(ectivo), ADV(érbio) e PREP(osição) categorias tradicionais (LANGA, 2004; 2013). O presente estudo é interdisciplinar envolvendo a área da linguística cognitiva, teoria de marcação tipológica (CROFT, 2000, 2001) e o princípio de marcação (GIVÓN, 1995, 2001) e área da fonologia, teoria de traços distintivos (CHOMSKY e HALLE, 1968) e a peso fonológico (HYMAN, 1975; NGUNGA, 2000).

O texto parte da conclusão de estudos anteriores (NHAMPOCA, 2018; KULEMEKA, 1995; LANGA, 2004), segundo os quais, no Changana, os ideofones são predicares marcados e argumenta que essa marcação apresenta uns níveis que podem ser influenciados por aspetos fonológicos, como é o caso do alongamento vocálico, sendo que

ideofones com alongamento tenderão a ser mais icónicos, mais marcados em relação aos ideofones sem alongamento vocálico. Fonologicamente, os ideofones ganham intensidade e expressividade através das unidades portadoras de tom, tal que o peso fonológico é proporcional à construção cognitiva do falante/ouvinte. Assim, o estudo pretende analisar o seguinte problema: até que ponto a duração vocálica é relevante para a expressão icónica dos ideofones em Changana? Como hipótese, avançamos que a duração vocálica influencia ou condiciona a mudança do significado dos ideofones e actua ao nível semântico-cognitivo dos falantes. Com a duração vocálica, o significado dos ideofones torna-se mais intenso e/ou mais icónico, ou seja, quanto mais duração, mais icónico será o ideofone, em relação ao seu par com menos duração vocálica.

O estudo concluiu também que há uma clara interdisciplinaridade entre as duas áreas discutidas e que ideofones são palavras marcadas que pode intensificar sua carga semântico-cognitiva em conformidade com o peso da vogal.

1 Metodologia

A metodologia adoptada é a instrospecção, consulta bibliográfica e entrevista. A instrospecção deve-se ao facto de os autores serem investigadores e falantes nativos do Changana, por isso usam da sua experiência para a recolha e análise de dados. A consulta bibliográfica (cf. BELL, 1999; APOLINÁRIO, 2004). Os ideofones em análise foram extraídos Nhampoca (2010) e Sítio (1996; 2011), bem como confirmados através de entrevista em falantes nativos, da região de Chókwe-Cidade e da localidade de Lionde.

A análise de dados é baseada no Princípio de marcação (GIVÓN, 1995; 2001) e através do método experimental (*speechanalyser*), uma das ferramentas de análise em fonética acústica (cf. LADEFORGED e JONHSON, 2011), que consiste em um “dispositivo que traduz o som para uma representação visual dos componentes da frequência” (LADEFORGED, 1975, p. 177). Contudo, segundo Martins (1988, p. 63), “a fala deve ser gravada em condições óptimas, que implicam o local, os meios de recolha e definição do sujeito falante”. Devido à falta de um laboratório que possa garantir condições óptimas de recolha do sinal, alguma margem de confiança deve ser

deixada de lado de modo a cobrir o facto de o sinal ter sido recolhido fora de um laboratório.

2 Quadro teórico

O presente artigo, assentando em duas grandes áreas de estudo, a saber: (i) fonética articulatória e acústica (*cf.* LADEFORGED e JONHSON, 2011) e (ii) o princípio de marcação (GIVÓN, 1995; 2001). Portanto, o quadro teórico contemplará essas duas áreas.

A fonética estuda o inventário de todos os sons da fala que os humanos são capazes de produzir de modo a formar palavras (KATAMBA, 1989). “As propriedades físicas dos sons utilizados na fala, a sua produção e percepção definem as grandes áreas em que a fonética tradicionalmente se subdivide, a saber: fonética acústica, articulatória e perceptiva” (FARIA *et al.* 1996, p. 117). Assim, a fonética acústica estuda as propriedades físicas com o auxílio de instrumentos laboratoriais; a fonética auditiva estuda a forma como a fala é percebida/processada pelo sistema anatómico do ouvinte e a fonética articulatória estuda a produção dos sons (KATAMBA, 1989). As duas áreas principais de que o presente trabalho se vai cingir são a fonética articulatória e fonética acústica. Ladefoged e Maddieson (1995, p. 45) consideram que, do ponto de vista articulatório, “as consoantes distinguem-se umas das outras pelos seguintes critérios: (i) ponto de articulação; (ii) variação da posição das cordas vocais e, (iii) também pela duração”. Os sons oclusivos são produzidos quando se verifica uma obstrução total no ponto de articulação. Depois da oclusão os articuladores relaxam permitindo que o ar passe bruscamente entre os articuladores de modo a causar uma turbulência na passagem do ar enquanto na produção de vogais, o ar passa livremente pelo tracto vocálico sem sofrer nenhuma obstrução (LADEFOGED e MADDIESON, 1995).

As teorias da marcação morfológica e sintática fazem referência à iconicidade e à marcação semântica ou cognitiva. Neste âmbito, vários autores discutem a marcação cognitiva. Givón (1995; 2001), um dos autores que tomamos como base, aponta características não menos importantes para o processo de marcação, que são: **Princípio meta-icônico da marcação** – este considera que categorias estruturalmente mais marcadas, tendem, igualmente, a serem funcionalmente mais

complexas. **Frequência** – a categoria não marcada é mais frequente em relação à marcada. **Dependência do contexto** – aqui o autor defende que a marcação não diz respeito apenas a categorias linguísticas, mas também a contextos comunicativos em que elas ocorrem.

3 Revisão de Literatura

Os ideofones, despertaram o interesse de muitos estudiosos (DOKE, 1931; FORTUNE, 1962; HYMAN, 1975; MARIVATE, 1981; BAUMBACH, 1987; SITOE, 1996; LANGA, 2004, NHAMPOCA, 2009, entre outros). De acordo com Dingmanse (2011), antes da década de 1930, os ideofones foram, recorrentemente, discutidos sob diversos rótulos, com mais destaque para o facto de terem sido definidos, com mais frequência, como advérbios específicos ou peculiares. Mais tarde, os ideofones passaram a ser comumente definidos como uma representação viva de uma ideia num som; uma palavra, muitas vezes onomatopaica, que descreve um predicado, é qualificativa ou funciona como advérbio em relação à forma, cor, som, cheiro, ação, estado ou intensidade (DOKE, 1935). Outra definição semelhante porque inspirada na de Doke (1935) é a de Ngunga (2004, p. 195) que considera ideofone como “a associação entre um determinado som, cor, estado, dor, intensidade, etc., e a consequente reação ou construção psíquica dos mesmos na mente do indivíduo/falante”. Beck (2005), por sua vez, defende que ideofones são expressões sinestésicas que se distinguem, como classe, através das suas propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas. Este autor afirma igualmente que ideofones tendem a ter uma função emotiva e de estarem associados à fala e a registos dramáticos da fala, ou seja, ideofone é uma representação viva de uma ideia, num som (KIMENYI [s.d]). Para Slobin (2004), os ideofones constituem um recurso para a expressão de modo de ação em várias línguas. Em suma, o ideofone é uma unidade lexical marcada que desempenha principalmente a função predadora e modificadora de uma ação, um evento, um estado, marcando cenas intensas que ocorrem em situações específicas na língua (NHAMPOCA, 2018).

Uma outra discussão, que se tem travado sobre os ideofones, é se constituem ou não uma categoria gramatical (GABAS JR. e AUWERA, 2004; KULEMEKA, 1995; NGUNGA, 2004). Alguns autores consideram os ideofones advérbios (DOKE, 1935), outros como

Fortune (1962) consideram-nos verbos. Ribeiro (2010, p. 129) acrescenta que “é difícil sintetizar e classificar o sentido destas palavras, tão largo é o seu campo”. Ribeiro arrisca a afirmar que toda a noção verbal, na língua changana, pode ser também expressa por um ideofone. Por esta razão, o autor considera que os ideofones constituem uma classe de palavras sem correspondente nas gramáticas europeias; estas palavras já foram, erradamente, classificadas de advérbios, descritivos, interjeições, onomatopéias, substantivos onomatopaicos, raízes primitivas etc. (TORREND, (s.d); JUNOD, (s.d) *apud* RIBEIRO, 2010).

Apesar de muitos estudiosos não clarificarem que critérios usam, têm defendido que os ideofones constituem sim, uma categoria gramatical de palavras, pois assim como as palavras das outras (tradicionais) categorias, também apresentam características fonológicas, sintáticas, morfológicas, semânticas, pragmáticas, etc. (VOLTZ e KILLIAN-HATZ’S *apud* GABAS JR e AUWERA, 2004; DINGMANSE, 2011; AIKHENVALD, 2014). Estudos recentes (NHAMPOCA, 2018, MOURA e NHAMPOCA, 2017) usando a teoria da Marcação tipológica (CROFT, 2000 e 2001), mostraram e corroboraram com Doke (1935) ao considerar que os ideofones devem ser considerados como uma categoria sintáctica autónoma, pois apresentam a sua própria morfologia, sendo a sua carga semântica mais modal.

Uma outra particularidade dos ideofones é serem palavras marcadas (SLOBIN, 2004; BIRIATE, 2014; MOURA e NHAMPOCA, 2017; entre outros). Biriarte (2014) afirma que essa marcação se dá de diferentes formas, destacando duas: COMPLEXIDADE – trata-se de complexidade semântica e estrutural e ICONICIDADE ideofónicas. De facto, os ideofones caracterizam-se pelo seu alto grau de expressividade” (SITOE, 1996, p. 345) como se pode observar nos seguintes exemplos extraídos (LANGA, 2004, p. 61):

- (1). a. Kuyo mpee ‘id. de estar exclusivamente a cheirar mal’
b. atemu ina ‘id. de imitação de um gesto de desprezo’
c. anyime aku whè ‘id. da forma decidida como alguém fica em pé’
d. atemu cuku ‘id. de alguém fazer favor a outrem e é mal agradecido então aquele deixa de o considerar como seu amigo’
e. awe aku mmhà ‘id. do som surdo de alguém ao cair de p.e., uma árvore’

Os exemplos acima mostram que em (1a) o ideofone é usado para representar o cheiro. Em (1b) o ideofone serve para representar um gesto. Em (1c) o ideofone representa uma postura. Em (1d) serve para representar uma atitude e finalmente em (1e) para representa rum som. Alguns autores defendem que os ideofones são palavras especiais usadas tipicamente para contar histórias. Esta posição não é corroborada pelos ideofones em Changana, pois nesta língua são também usados na conversação do dia-a-dia, contos, saudações desde que seja em contextos de livre expressão entre os interlocutores. Portanto, não existe um momento ou contexto especial reservado exclusivamente ao uso de ideofones. Contudo, sobre o funcionalismo dos ideofones, Givón (2001) avança que há uma relativa dependência pelo contexto, que deve ser vista de forma contínua, pois mesmo unidades lexicais marcadas podem ser mais marcadas num contexto e não serem em outros (i.e., podem ser marcadas em um determinado gênero textual e não em outro). Assim, não se podem fazer distinções rígidas e acabadas entre marcado e não marcado, remetendo-se a um *continuum* de marcação. Aplicando ao changana, seria o caso de afirmar, por exemplo, que ideofones seriam unidades mais marcadas em contextos de textos acadêmicos, mas seriam considerados não, ou menos marcados em contextos de contos orais, ou pelo menos a marcação verificada no gênero conto, seria em menor escala, comparada com a marcação em relação ao gênero textos acadêmicos (cf. NHAMPOCA, 2018, p. 280). Nhampoca, apresenta em resumo, as propriedades semânticas e pragmáticas dos ideofones:

- (i) Uma categoria de palavras marcadas;
- (ii) Estão ligados a campos específicos e diversos, tais como ações, sons, cores cheiros, posturas, atitudes, gestos, etc.;
- (iii) Destacam elementos de um *frame*, de um script, de uma cena verbal, de forma marcada, com destaque para algum elemento da cena;
- (iv) Descrevem ações de entidades;
- (v) Tendem a apresentar um comportamento icônico e de ser sons simbólicos;
- (vi) Forte tendência de ocorrer na linguagem falada;
- (vii) São uma classe de expressão de Modo.

Foneticamente, os sons não são descritíveis apenas do ponto de vista articulatorio, podem também ser descritos acusticamente, dentre várias razões, pelas seguintes de acordo com Ladefoged (1975, p. 165):

- (i) para explicar porque alguns sons são complicados em relação aos outros e
- (ii) para especificar alguns sons (caso de vogais), que são difíceis de descrever em termos articulatorios”.

Deste modo, depreende-se que o uso de uma espectrograma constitui um recurso para cobrir casos de descrição dos sons que se revelem de difícil descrição do ponto de vista articulatorio com a maior ênfase para a descrição das vogais. Por exemplo, as razões por que a espectrograma visualiza melhor as vogais que as consoantes se prendem ao facto de os africados, como qualquer outro tipo de consoantes, devido à ocorrência de baixas frequências na sua produção, apresentar uma estrutura acústica mais complicada (LADEFOGED, 1990).

Os trabalhos científicos visando analisar as propriedades fonéticas dos sons constituíram interesse de estudiosos há já algum tempo. Pike (1943), por exemplo, desenvolveu um estudo com base em experiências da análise de sons das línguas não europeias. Nesse estudo, a análise descritiva dos sons baseou-se na fonética articulatoria. Ladefoged (1962) oferece elementos acústicos da produção de vogais do inglês. Nesse livro, o autor explica a descrição dos sons como fenómenos físicos recorrendo a análises experimentais e desenvolve explicações teóricas visando provar que o som é uma sensação que pode ser convertida de sinais contínuos em sinais discretos para efeitos de análise. Contudo, Ladefoged (1962) pouca descrição acústica faz que seja relevante para a descrição das consoantes. Ladefoged (1967) realizou um trabalho experimental envolvendo vogais do inglês apoiando-se em electromiograma, mas também nesse estudo, embora faça alusão as consoantes, pouco diz em relação à descrição acústica das mesmas.

A dificuldade que se observa na descrição acústica das consoantes (LADEFOGED, 1962, 1967; PIKE, 1943) pode ter a ver com o facto de “as consoantes oclusivas e africadas apresentarem propriedades articulatorias e acústicas diferentes das propriedades das vogais e fricativas” (JONHSON e BECKMAN, 1996, p. 126). As razões

que estes autores levantam para justificar tal dificuldade se prendem ao facto de na produção de oclusivas e africadas os articuladores se encontrarem em pausa completa ou se encontrarem totalmente fechados no tracto vocálico. A consequência acústica do estado dos articuladores origina o silêncio.

Do ponto de vista articulatorio, na produção do som, os articuladores activos deslocam-se em direcção aos articuladores passivos no tracto vocálico. Os lugares ou zonas de contacto entre estes articuladores chamam-se pontos de articulação. Esses pontos de articulação podem-se localizar no aparelho fonador deste a glote até aos lábios. Durante o contacto dos articuladores para a produção de um som, não se produz nenhum ruído (ao menos que seja perceptível ou captáveis pelo microfone ou audível) – o silêncio de que acusticamente se fala.

Johnson e Beckman (1996) apontam para três estados de articulação de oclusivas e africadas que correspondem a três intervalos de tempo que podem ser caracterizados em termos de teoria acústica da produção da fala, nomeadamente: (i) o movimento dos articuladores, (ii) o posicionamento dos articuladores e (iii) a libertação dos mesmos. Na produção destes sons a principal fonte do som é o vozeamento conforme se pode ver na seguinte passagem de Johnson e Beckman (1996, p. 131):

durante a oclusão, o vozeamento é a única fonte de produção do som possível [...] durante a libertação da posição dos articuladores na articulação das consoantes, são encontrados muitos tipos diferentes de sons, sendo o primeiro desses sons a oclusão.

Como se pode depreender, o único momento em que se produz algum tipo de som ocorre, não durante a oclusão, mas durante a libertação dos articuladores. Mas desses sons produzidos aquando da libertação, nenhum é relevante para a distinção das propriedades físicas das consoantes oclusivas e africadas.

Na produção de oclusivas, a oclusão acontece quando o aumento da pressão de ar no tracto vocálico é liberto. O ar sai através da boca em alta velocidade, produzindo impulsos de pressão que duram pelo menos dois a três segundos (JOHNSON e BECKMAN, p. 1996). Na produção dos sons africados, “o barulho da fricção é normalmente produzido no mesmo lugar de articulação da articulação da oclusiva” (JOHNSON e BECKMAN, 1996, p. 137) pelo que não basta uma simples sequência de consoante oclusiva e consoante fricativa para termos um som africado

(JOHNSON e BECKMAN, 1996; LADEFOGED e MADDIESON, 1995) como se pode ler em Ladefoged (1975, p. 60) “os africados são uma simples sequência de consoante oclusiva seguida por uma fricativa homorgâmica”.

Na descrição fonética dos sons nas línguas moçambicanas, para além de Afido *et al.* (1989) e de Siteo e Ngunga (2000), Siteo (2001) debruçou-se sobre o estudo fonético e ortográfico do Changana embora, “sem se preocupar com detalhes da fonética nem da fonologia” (SITEO, 2001, p. 2).

4 Análise semântico-cognitiva e fonológica dos ideofones em Changana

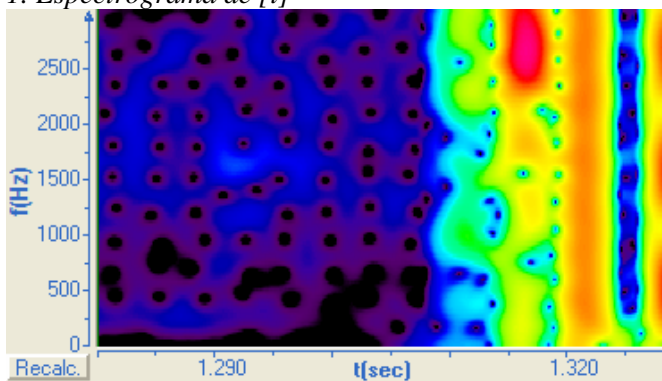
4.1. Descrição das propriedades acústicas das consoantes e vogais do Changana

A presente secção visa apresentar as propriedades acústicas das consoantes e vogais do Changana, no geral. O instrumento usado para a análise de dados é o *speechanalyser* a partir do qual fez-se as espectrogramas, uma imagem dos sons. Ladefoged e Johnson (2011) explicam que as espectrogramas são lidas de esquerda para a direita, a frequência dos componentes é apresentada na escala vertical, e a intensidade de cada componente é medida pela intensidade da cor (ex., gradação de cinzentos, onde quanto mais escuro for a mancha mais intenso é a componente). A espectrograma é constituída por dois eixos, sendo o eixo vertical, o da intensidade, expresso em Hertz (Hz) e a horizontal, o de tempo, expresso em segundos. As cores simbolizam a concentração de energia em uma dada frequência. A espectrograma fornece uma imagem relativa do som, i.e., falantes diferentes podem produzir intensidades diferentes dos sons.

4.1.1. Propriedades acústicas das consoantes (mecanismos do fluxo do ar)

As espectrogramas que se seguem são de [t] e [s] respectivamente:

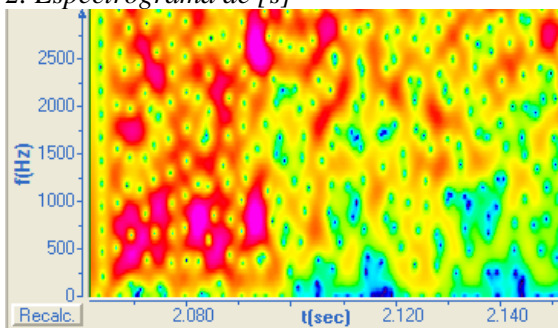
1. Espectrograma de [t]



A espectrograma 1 mostra a intensidade relativa de cada componente da frequência. Na produção do [t] o ar é obstruído totalmente na cavidade supraglotal, na arcada alveolar fazendo com que não havendo passagem do ar, não haja aspecto acústico conforme mostra a ausência de formantes. A oclusiva corresponde ao tempo relativo de 0 – 1.292 segundos. A partir deste tempo, a parte mais cinzenta corresponde a zona de ataque da produção da vogal [a] visto que esta consoante foi produzida com uma vogal.

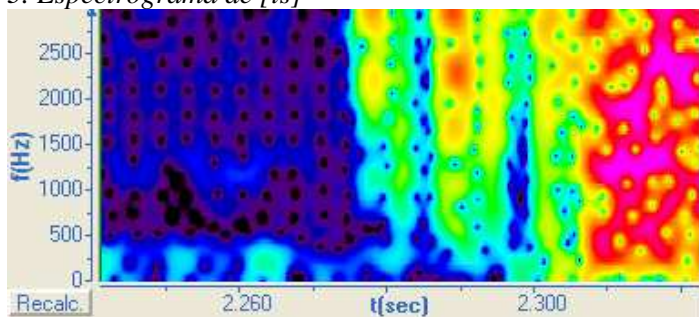
A espectrograma da fricativa (a espectrograma 2) apresenta-se mais manchada que a oclusiva como o resultado da obstrução parcial da passagem do ar que provoca alta pressão na passagem do ar que é brusca entre os articuladores. Razão pela qual a espectrograma de [s] mostra formantes baixa que indica baixa sonoridade. A diferença entre as oclusivas e fricativas reside na ausência de energia na produção de oclusivas enquanto nas fricativas, apresenta-se um espectro com alguma energia nas frequências baixas entre 250 a 750 Hz conforme se vê na espectrograma 2.

2. Espectrograma de [s]



A espectrograma 2 apresenta o sinal acústico da fricativa alveolar não-vozeada onde diferentemente da espectrograma 1 verifica-se frequências baixas. A espectrograma 3 mostra o aspecto acústico da produção do som africado alveolar [ts]. O mecanismo de fluxo de ar na produção dos sons africados, o ar vindo dos pulmões, passam pela glote onde provocam ou não fricção das cordas vocais que lá se localizam, podendo produzir sons vozeados caso elas vibrem e sons não-vozeados caso elas não vibrem. Em seguida, o ar vai em direcção ao tracto vocálico onde os articuladores activos (p.e. a língua) se move em direcção ao articulador passivo (p.e., a arcada alveolar) e estabelece o contacto (a oclusão). Enquanto os articuladores se mantiverem em contacto, não se verifica a produção de nenhum ruído (o silêncio). O ruído é provocado quando os mesmos se libertam (a explosão) e, imediatamente a seguir à explosão acontece uma combinação dos articuladores na produção de uma fricativa, i.e., durante a libertação dos articuladores, permite que os articuladores se aproximem uns aos outros de tal sorte que reduzem o canal de passagem do ar permitindo a produção de uma fricção. Este tipo de combinação de uma oclusiva, imediatamente seguida, no mesmo ponto de articulação, de uma fricção denomina-se se africado, neste caso africado alveolar [ts].

3. Espectrograma de [ts]



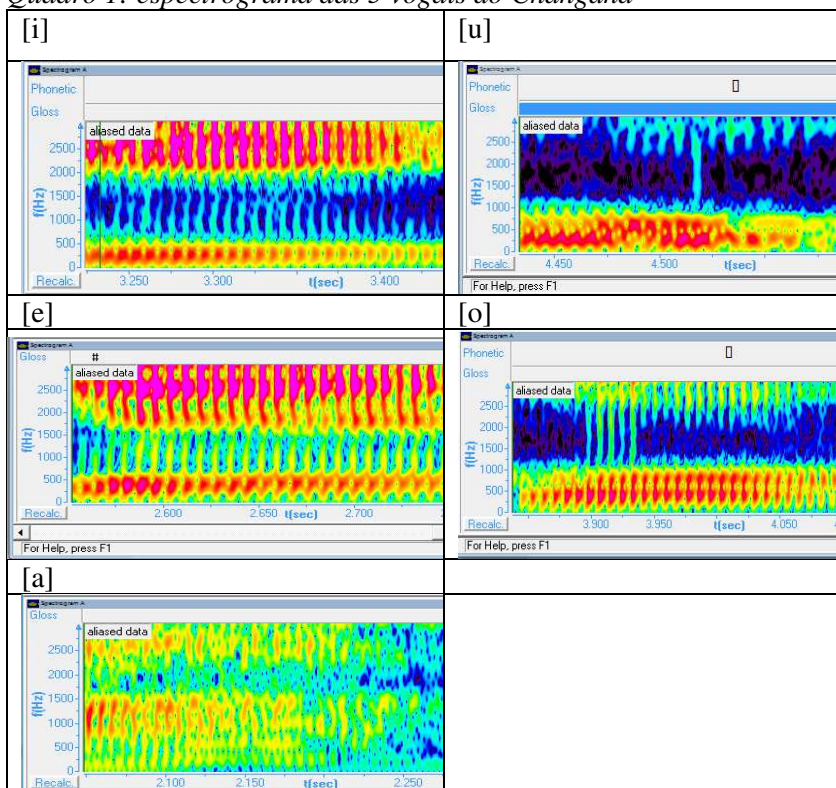
Como se pode ver a espectrograma 4, apresenta uma zona de baixa sonoridade (com um cinzento carregado) que corresponde a cerca de 0 – 2,280 segundos que correspondem à produção da oclusiva alveolar [t] e de 2,280 – 2,300 segundos uma zona de alta sonoridade correspondente a fricativa alveolar [s]. Note-se que a zona de maior sonoridade pertence a vogal que se segue ao africado de 2,300 – 2,320 segundos. É difícil fazer o corte exclusivo da consoante sem a vogal conforme Ladefoged (1975, p. 182) “cada oclusiva transporta a sua qualidade através da vogal adjacente”.

Como se pode depreender cada consoante apresenta a sua espectrograma. Para efeitos do presente estudo, importavam as consoantes oclusivas, fricativas e africados, pois, constituem o grupo dos ideofones que são analisados.

4.1.2. Propriedades acústicas das vogais

Diferente das consoantes, as vogais são as que podem ser melhor analisadas pela espectrograma porque na sua produção detecta-se mais intensidade das suas componentes. O quadro que se segue, apresenta a comparação das cinco (5) vogais do changana, nomeadamente, três vogais primária (a baixa [a] e as duas altas [i] e [u]) e duas vogais secundárias (as vogais médias [e] e [o]), fazendo um total de 5 vogais contrastivas da língua.

Quadro 1: espectrograma das 5 vogais do Changana



De uma forma geral, as vogais apresentam duas formantes F1 e F2. Estas são as manchas, que representam a gradação de cores, estando principalmente concentradas em duas partes de cada imagem. A espectrograma é lida na escala vertical de baixo para cima, sendo a F1, a que se situa na frequência de 0 a 500/1500 Hz ao passo que a F2, a que se situa entre 1500 Hz a 3000 Hz.

As vogais [i] e [u] são articulatoriamente descritas como sendo vogais altas, fechadas traço [+ alto], distinguindo-se pelo traço [+/- rec]. Acusticamente diferem-se pela localização da intensidade das suas formantes, sendo a vogal [i], com duas formantes claramente visíveis, sendo a F1, com a frequência entre 0-500 Hz e a F2, com a frequência entre 2000 a 3000 Hz. A F2 é mais escura que a F1, o que significa que a alta sonoridade está na F2. No caso de [u] a alta sonoridade está na F1,

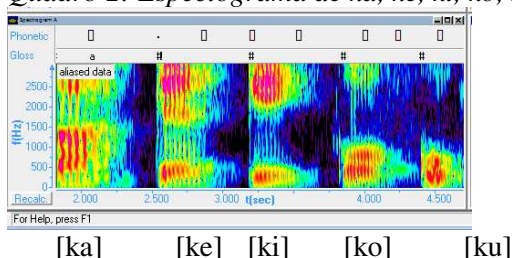
que se localiza de 0-900 Hz. Em resumo, estas duas vogais distinguem-se por o [i] ter F2 com a sonoridade mais intensa que a F1 e a vogal [u], a F1 é a mais intensa que a F2.

As vogais [e] e [o] apresentam espectrogramas semelhantes que [i] e [u]. A principal diferença acústica reside no facto de o [e] ter F1 e F2 mais expandidos, sendo a F1 situada entre 0 – 500 Hz e a F2 entre 1500 a 3000 Hz. A F2 tem mais sonoridade que a F1. Na espectrograma de [o], o F1 situa-se entre 0-500 Hz e a F2 entre 2500-3000Hz e a F1 é a que apresenta a maior sonoridade.

Por fim, a vogal [a] apresenta as duas formais relativamente menos intensas comparadas a das outras vogais acima vistas. A F1 situa-se entre 500 -1500 Hz ao passo que F2 entre 2750 – 2750 Hz.

Em suma, a produção das 5 vogais foi precedida da produção de oclusivas, que são efectadas pelos sons brancos na espectrograma, que se segue, que mostra a sequência ka, ke, ki, ko, ku

Quadro 2: Espectrograma de ka, ke, ki, ko, ku



A presente secção visava apresentar as propriedades acústicas das consoantes e vogais do Changana. Nele mostrou-se que as consoantes distinguem-se das vogais por elas não serem claramente dectetáveis pela espectrograma. As consoantes oclusivas são representadas pelos sons brancos caracterizado pelo corte da espectrograma, as consoantes fricativas apresentam alguma sonoridade sem formantes claramente distintas e os sons africados apresentam um som branco seguida de mancha da fricativa. As vogais por sua vez, apresentam formantes claramente distintas diferindo cada uma delas pela localização relativa da formante no eixo vertical e pelo grau de sonoridade de cada uma.

4.1.3. Análise acústica dos ideofones em Changana

A presente secção analisa os ideofones em Changana do ponto de vista acústico. Para esta análise experimental são usados 10 ideofones. A descrição acústica de consoantes e vogais mostrou que as vogais são as que melhor podem ser visualizadas na espectrograma, bem como, em fonética, são as únicas unidades que na sua produção o ar sai livremente do tracto vocálico, o que faz com que sejam susceptíveis de duração mais longa que os outros sons. Estudos anteriores sobre esta matéria, sendo unânimes da alta expressividade dos ideofones que qualquer outra palavra na língua, sendo essa expressividade expressa através das vogais, a presente secção mede até que ponto a duração vocálica é relevante para a expressão icónica dos ideofones. Os ideofones em análise são os seguintes:

	<i>Ideofone</i>	<i>glossário</i>
1.a.	/a/ /-cambùcambù/	‘id de caminhar nu (o indivíduo de sexo masculino)’
b.	/aa/ /-caambùcaambù/	‘id caminhar nu pausadamente e com uma certa intensidade (o indivíduo de sexo masculino)’
2.a.	/e/ /-sve/	‘id de entrar, mergulhar’
b.	/ee/ /-svee/	‘id de entrar, mergulhar devagar e com intensidade’
3.a.	/i/ /-dzì/	‘id de fixar ou espetar um instrumento perfurante, na vertical’
b.	/ii/ /-dzìi/	‘id de fixar ou espetar um instrumento perfurante, na vertical, de forma lenta e intensa’
4.a.	/o/ /-svòtò/	‘id de sair subitamente e à francesa’
b.	/oo/ /-svòòtò/	‘id de sair à francesa e desaparecer’
5.a.	/u/ /-zù/	‘id de se tornar vermelho, de avermelhar-se’
	/uu/ /-zùù/	‘id de se tornar pesadamente vermelho, de avermelhar-se com intensidade’

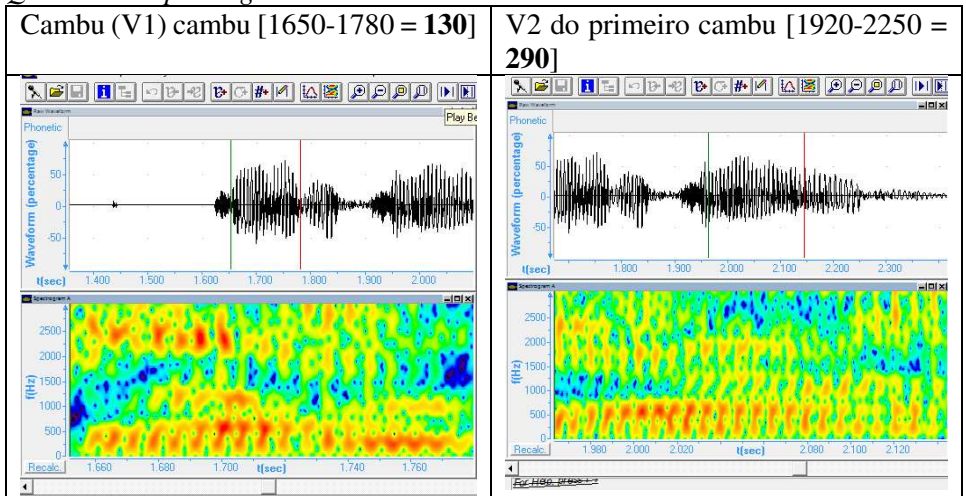
Dos dados acima depreende-se que:

- (i) os dados em (a) mostram vogais breves, representadas por uma vogal, e em (b) as vogais longas, representadas por duas vogais
- (ii) a duração vocálica é distintiva nos ideofones em Changana, por isso (a) e (b) apresentam semânticas diferentes;
- (iii) a estrutura do ideofone é prefixo nominal (ku-) + ideofone (cf. LANGA, 2013; NHAMPOCA, 2018). O prefixo é representado pelo hífen (-);
- (iv) a estrutura da sílaba em todos os ideofones é CV (onde C = Consoante e V = Vogal). Esta estrutura é, no geral, a não marcada nas línguas bantu em geral (cf. MEEUSSEN, 1967; HYMAN, 1975; KATAMBA, 1989; NGUNGA, 2000; LANGA, 2013).

4.1.3.1 Análise dos espectrogramas dos ideofones

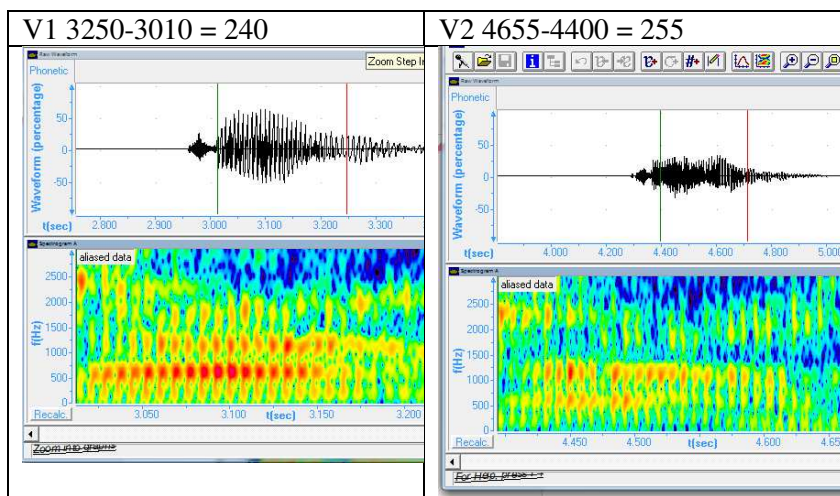
Os dados acústicos, que se seguem, são relativos a –*cambùcambù* vs –*caambùcaambù*

Quadro 3: Espectrograma de –*cambùcambù*



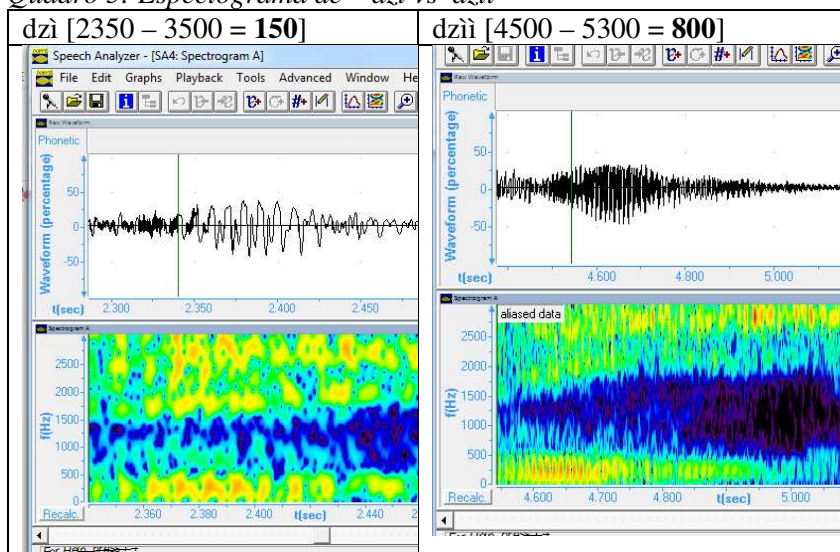
Os espectrogramas acima mostram o corte das primeiras vogais do ideofone cambu – cambu. A primeira vogal do reduplicante (V1) está representada na coluna mais à esquerda ao passo que a primeira vogal do reduplicado (V2) na coluna mais à direita. A análise acústica de ideofones deste tipo, mostra que a V1 dura menos que V2. Assim, a V1 durou 130 m/s a sua produção ao passo que a V2 durou quase o dobro do tempo, 290 m/s. A duração das duas vogais, por si só, já é marcada em relação à duração das vogais normais que ocorrem na língua. O espectrograma que se segue, faz o corte das vogais V1 e V2, sendo aqui as duas mais alongadas que no caso anterior

Quadro 4: Espectrograma de Caambùcaambù



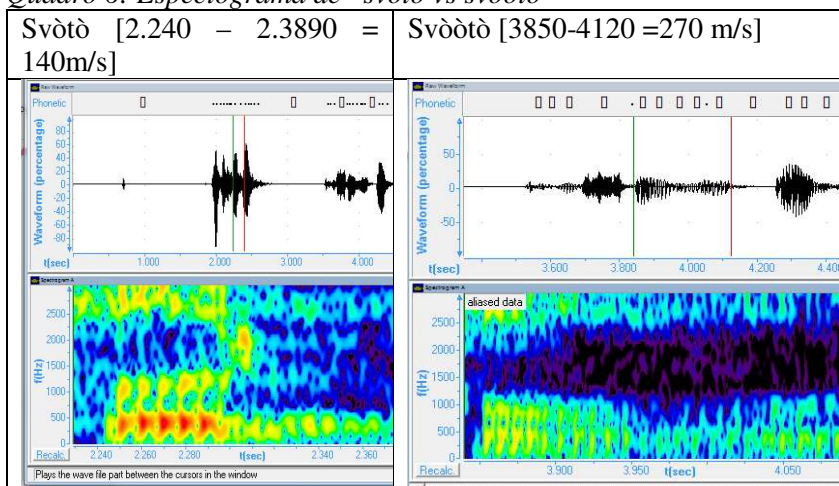
As espectrogramas acima mostram que a V1 tem a duração de 240 m/s ao passo a V2 tem a duração de 255 m/s. Em termos semânticos, neste caso em que as vogais são mais longas, a iconicidade pelos ideofones expressa é maior, conforme se descreve na secção reservada à “análise cognitiva dos ideofones”. Em seguida, compara-se os espectrogramas de ideofones simples, com apenas uma vogal.

Quadro 5: Espectrograma de – dzì vs –dzìì



Nestes ideofones (-dzì vs -dzìì) mostra-se que no ideofones menos marcado (-dzì) a duração da sua vogal é de 150 m/s e no mais marcado é de 800 m/s. Uma análise comparativa dos ideofones complexos (os que tem dois constituintes) e os simples (os que têm um constituinte), nestes últimos as vogais, no geral, são mais longas que nos complexos. Contudo, a regra é a mesma, quanto maior for a duração vocálica, maior é a expressividade do ideofone. O mesmo se pode dizer dos espectrogramas que se seguem em que os ideofones comparados são *svòtò vs svòdòtò*

Quadro 6: Espectograma de –svòtò vs svòtò



Destes ideofones, depreendem-se as mesmas constatações que nos anteriormente visto. A vogal do ideofone menos marcada dura menos, neste caso 140 m/s que a vogal do ideofone mais marcado, neste caso 270 m/s.

De uma forma geral, pode se concluir que em termos acústicos a duração das vogais naturalmente é a mais marcada nos ideofones do que nas demais palavras da língua. Dessa duração marcada, ocorre uma duração mais marcada que a outra, sendo que nos ideofones comuns (com a duração da vogal menos marcada) o ideofone é menos expressivo, menos icónico que nos ideofones em que a duração vocálica é a mais marcada.

4.2. Análise semântico-cognitiva dos Ideofones em Changana

Nesta secção fazemos a análise dos ideofones do changana de acordo com o Princípio da Marcação desenvolvido por Givón (1995, 2001). Como referido na introdução, nossa hipótese é a de que, na língua changana, a duração vocálica nos ideofones, influencia ou condiciona a mudança do significado e actua ao nível semântico-cognitivo dos falantes, com a duração vocálica, o significado dos ideofones torna-se mais intenso e/ou mais icónico, ou seja, quanto mais duração mais icónico serão ideofone, em relação ao seu par com menos duração

vocálica, sendo por isso, os alongados, mas complexos em termos estruturais e cognitivamente.

A intensidade semântico-cognitiva apresentada pelos ideofones do Changana, ela pode alterar-se e/ou intensificar-se com o alongamento vocálico, estabelecendo-se assim, uma interface entre a Semântica, Cognição e a aspectos fonético-fonológicos da língua. Os ideofones a serem analisados são os apresentados em 4.1.3. Os cinco (05) ideofones selecionados são apresentados com suas contrapartes, ou seja, os mesmos ideofones já com o alongamento vocálico, para permitir a comparação entre ambos.

Na apresentação dos exemplos, fornecemos o significado de cada ideofone sem alongamento vocálico e, em seguida, de cada ideofone com alongamento vocálico, por meio de definições e/ou explicações. Chamamos atenção para o fato de nas glosas, o material linguístico que se encontra entre parênteses curvos dizer respeito a ambos, o ideofone sem alongamento vocálico e o ideofone com alongamento, enquanto que o que se encontra entre parênteses rectos é referente apenas ao ideofone com alongamento e é este material que fornece os insights para distinguir ambos os ideofones. Começamos pelo ideofone *-cambùcambù* e *caambùcaambù*:

<i>-cambùcambù</i>	<i>caambùcaambù</i>
id. de caminhar nu/pelado, como veio ao mundo com movimentos bruscos e intensos (o indivíduo do sexo masculino).	- id. de caminhar nu/pelado, como veio ao mundo com movimentos bruscos e intensos [e pausa e pesadamente] (o indivíduo do sexo masculino).

6. a) Zavala ate cambùcambù ndleleni!

Zavala	ate	cambùcambù	ndleleni
1-Zavala	MS1-VDef.	ID= de caminhar nu/pelado	9-caminho/rua-LOC

'O Zavala caminhou nu, com movimentos intensos e bruscos, na rua!'

b) Zavala ate caambùcaambù ndleleni!

Zavala	ate	caambùcaambù	ndleleni
--------	-----	--------------	----------

1-Zavala	MS1-15-caminhar/correr nu-MP	9-caminho/rua-LOC
----------	------------------------------	-------------------

'O Zavala caminhou nu, com movimentos intensos e bruscos, na rua, de forma pausada e pesada!'

Na sequência os ideofones *-sve* e *-svee*

<i>-sve</i>	<i>-svee</i>
<i>-sve</i> 'id de entrar, mergulhar.'	<i>-svee</i> 'id de entrar, mergulhar devagar e com intensidade.'

7. a) Mungoni ahlivile mpahla aku sve matini.

Mungoni	ahlivile	Mpahla	aku sve	matini
1- Mungoni	MS1-15-despir - MP	9-roupa	MS-Vdef. ID= de entrar, mergulhar	6-água-ML

'O Mungoni despiu-se e mergulhou na água.'

b) Mungoni ahlivile mpahla aku sveen matini.

Mungoni	ahlivile	mpahla	aku sveen	matini
1- Mungoni	MS1-15-despir - MP	9-roupa	MS-Vdef. ID= de entrar, mergulhar [devagar e com intensidade)	6-água-ML

'O Mungoni despiu-se e mergulhou na água, devagar e com intensidade.'

A seguir temos os ideofones *-dzì* e *dzùi*:

<i>dzì</i>	<i>dzùi</i>
id. de fixar ou espetar (com um instrumento perfurante , na vertical).	id. de fixar ou espetar (com um instrumento perfurante , na vertical), [de forma intensa].

8. a) Aku nhonga dzì!.

Aku	Nhonga	Dzì
MS1-Vdef.	9-vara	ID = de fixar ou espetar (com um instrumento perfurante , na vertical), [de forma intensa].

‘E espetou a vara!’

b) Aku nhonga dzìi!.

Aku	Nhonga	Dzìi
MS1-Vdef.	9-vara	ID = de fixar ou espetar (com um instrumento perfurante , na vertical), [de forma intensa].

E espetou intensamente, a vara!’

Depois de analisar os ideofones –dzì e –dzìi, vejamos o que ocorre com os ideofones –svòtò e svòdòtò:

-svòtò	-svòdòtò
id. de sair subitamente e à francesa	id. de sair à francesa [e desaparecer].

9. a) Maria ate svòtò!

Maria	ate svòtò
1-Maria	MS1-Vdef. ID= de sair subitamente à francesa

‘A Maria saiu subitamente à francesa.’

b) Maria ate svòdòtò!

Maria	ate svòdòtò
1-Maria	MS1-Vdef. ID= de sair à francesa e desaparecer

‘A Maria saiu à francesa e desapareceu.’

E, por fim, analisemos os ideofones –zù e -zùu:

–zù	-zùu
id de se tornar vermelho, de avermelhar-se.	id de tornar-se demasiadamente vermelho.

10. a) Jambu riyo zù.

Jambu	riyo zù.
3-sol	MS3-Vdef. ID = de se tornar vermelho, de avermelhar-se.

‘O sol tornou-se vermelho.’

b) Jambu riyo zùù

Jambu	riyo	zùù.
3-sol	MS3-Vdef.	ID = de tornar-se demasiadamente vermelho.

‘O sol tornou-se demasiadamente vermelho.’

Como se pode depreender dos dados acima, os ideofones contidos nas alíneas a) dos números 6 a 10, ocorrem sem o alongamento ou duração vocálica e os das alíneas b), com a duração vocálica. Tomemos como exemplo o ideofone –*cambùcambù* descrito em (6a) significa, caminhar/nu, com movimentos intensos e bruscos, mas não abrange alguém do sexo feminino, aplicando-se apenas ao homem. O ideofone -*caambùcaambù* também tem o significado de caminhar nu, com movimentos intensos e bruscos, porém, por causa do alongamento vocálico, o ideofone *caambùcaambù* exprime isso de forma mais intensa, icônica e mais expressiva, e introduz a ideia de que o movimento de caminhar nu é feito de forma pausada e pesada, daí que entendemos que a tradução dos dois ideofones não pode ser a mesma, pois o alongamento vocálico que se verifica no ideofone em (6b), é distintivo. O que ocorre com os pares –*cambucambu/-caambùcaambù* também com os restantes pares, a saber, -*sve/-svee*, -*dzi/-dzì*, -*svòtò/-svòtò* e -*zù/-zùù*.

Note-se que, nas sentenças com ideofones sem duração, apesar de também serem marcados, os que ocorrem com duração vocálica parecem serem mais marcados, com nuances de mais intensidade, tanto na expressão da acção, assim como de modo (SLOBIN, 2004). O ideofone alongado acrescenta, ao sentido básico- já marcado dado pelo ideofone não alongado, nuances que envolvem intensidade, expressividade, envolvimento emocional do(s) interlocutores.

Olhando para os três princípios estabelecidos por Givón (1995, 2001), podemos verificar que os três se aplicam para os ideofones do changana. Ora vejamos:

Princípio meta-icônico da marcação – este diz que categorias estruturalmente mais marcadas, tendem a ser funcionalmente mais complexas – pela análise feita aos exemplos, comparando ideofones com duração com os que alongados, os primeiros são mais complexos, tanto na sua estrutura morfológica, pois em relação ao ideofone básico se acrescenta a duração vocálica. Em termos de significado, o ideofone

com duração vocálica se apresenta também mais complexo, uma vez que, exige, para a sua interpretação, a ativação de mais elementos cognitivos em relação ao ideofone sem duração, por isso, consideramos que ideofones com duração vocálica tendem a ser mais marcados do que os que não apresentam duração vocálica, uma vez que funcionalmente, os primeiros ideofones predicam imprimindo mais vida à cena descrita e que a interpretação do seu significado requer outros conhecimentos relacionados à sua iconicidade, ao seu aspecto dramático, resultando em uma complexidade cognitiva também.

No que se refere à **Frequência**, Givón (1995, 2001) estabelece que a categoria não marcada é mais frequente em relação à menos marcada, isso tende a ocorrer no changana em relação a ideofones com duração vocálica e ideofones sem essa duração. Verifica-se que, sendo ideofones alongados aqueles que o falante invoca em situações muito mais específicas e os não alongados em situações menos específicas, estes, serão mais frequentes em relação àqueles.

E, por fim, quanto ao princípio da **Dependência pelo contexto**, que segundo o autor, tem a ver com o fato de que a marcação não diz respeito apenas a categorias linguísticas, mas também a contextos comunicativos em que elas ocorrem. Aplicando este princípio ao changana, seria o caso, por exemplo de afirmar que ideofones alongados seriam unidades marcadas em contextos de comunicação do dia-a-dia, mas seriam considerados não marcados em contextos de contos orais, relatos por exemplo.

Concluindo: o Princípio de Marcação de Givón (1995, 2001) se aplica para os ideofones do changana. Estudos anteriores (NHAMPOCA, 2018, MOURA e NHAMPOCA, 2016, entre outros) concluíram que os ideofones constituem uma classe iconicamente marcada. No presente estudo, comparando os ideofones em termos de sua duração vocálica, concluímos que ideofones sem duração vocálica tendem a ser menos marcados em relação aos que apresentam duração vocálica. Uma forma mais marcada, do ponto de vista funcional, é usada em contextos mais restritos, ao passo que a forma menos marcada é usada em contextos mais amplos e menos específicos (AIKHENVALD, 2016). Os ideofones, justamente, são usados, na língua changana, em situações bem específicas, quando se quer ressaltar algum detalhe do evento, mas os alongados se revelam mais específicos ainda; é como se

tivéssemos dois níveis hierárquico de marcação em que o mais alongado é mais marcado em relação ao menos ou sem alongamento vocálico.

Conclusões

O estudo conclui que a duração das vogais naturalmente é a mais marcada nos ideofones do que nas demais palavras da língua. Dessa duração marcada, ocorre uma duração mais marcada que a outra, sendo que nos ideofones comuns (com a duração da vogal menos marcada) o ideofone é menos expressivo, menos icónico que nos ideofones em que a duração vocálica é a mais marcada. Esta conclusão confirma a hipótese aventada, segundo a qual, a duração vocálica influencia ou condiciona a mudança do significado e actua ao nível semântico-cognitivo dos falantes, com a alongamento das vogais, os ideofones tornam-se mais expressivos, ou seja, quanto mais duração mais icónicos serão ideofones, afectando deste modo, o nível de marcação ideofónica, bem como o seu significado. O estudo conclui que há uma clara interdisciplinaridade entre as duas áreas discutidas e que ideofones são palavras marcadas que pode intensificar sua carga semântico-cognitiva em conformidade com o peso da vogal.

Referências

AFIDO, Pedro J. *et al.* **Relatório do I Seminário Sobre a Padronização da Ortografia de Línguas moçambicanas**. Maputo: Editora Escolar, 1989.

AIKHENVALD, Alexandra Y. **The art of Grammar: a practical guide**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

AIKHENVALD, Alexandra Y. **How gender shapes the world**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

APPOLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de Metodologia Científica: Um Guia para a Produção do Conhecimento Científico**. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

BAUMBACH, E. J. M. **Analytical Tsonga grammar**. Pretoria: University of South Africa (UNISA), 1987.

BECK, David. **Ideophones, adverbs and predicate modifiers in Upper Necaxa Totonac**. Department of Linguistics, University of Alberta, 2005.

BELL, Judith. **Doing your Research Project: A Guide for First Time Researchers in Education and Social Science**. Third Edition. Buckingham. Philadelphia: Open University Press, 1999.

BIRIATE, Mário. **Avanços no estudo de Ideofones**. (*Blog desenvolvido por Mário Biriате*), 2014. Disponível em: <<http://uptete.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 21 ago. 2015.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The Sound Pattern of English**. New York, Evanston and London: Harper e Row, Publishers, 1968.

CROFT, William. Parts of speech as language universals and as language particular categories. In: COMRIE, Bernard. **Approaches to the typology of world classes**. Berlim: Gruyter Mouton, 2000. p. 65-102.

CROFT, William. **Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DINGMANSE, Mark. **The Meaning and use of Ideophones in Siwu**. Radboud University Nijmegen, 2011.

DOKE, Clement M. **A Comparative Study in Shona Phonetics**. Johannesburg: The University of the Witwatersrand Press, 1931.

DOKE, Clement M. **Bantu Linguistic Terminology**. London: Longman, 1935.

FARIA, Isabel H. *et al.* **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996.

FORTUNE, George. **Ideophones in Shona**. London: Oxford University Press, 1962.

GABAS JR., Nilson; AUWERA, Johan van der. Ideofones in Karo. In: ACHARD, Michel; KEMMER, Suzanne. (orgs.). **Language, culture and mind**. Belgium: University of Antwerp, 2004. p. 397-411.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. Amsterdam: John Benjamin's Publishing Company, 2001.

JOHNSON, Keith; BECKMAN, Mary E. (ms). **Introduction to Phonetics for Undergraduate and Graduate Course**. The Ohio State University, 1996.

HYMAN, Larry M. **Phonology: Theory and Analysis**. San Francisco: Holt, Rinehart and Winston, 1975.

KATAMBA, Francis. **An Introduction to Phonology**. London and New York: Longman, 1989.

KIMENYI, Alexandre. **Iconicity of ideophones in Kinyarwanda: form, function, content and context**. Califórnia State University at Sacramento, Califórnia, [s.d]. Disponível em: <<http://kimenyi.com/iconicity-ofideophones-in-kinyarwanda.php>>. Acesso em: 26 maio 2015.

KULEMEKA, Andrew Tilimbe Clement. Sound Symbolic and Grammatical Frameworks: a typology of ideophones in Asian and African languages. **South African Journal of African Languages**, South Africa, vol. 15, n. 2, p. 73-84. Maio 1995.

LADEFOGED, Peter. **Elements of Acoustic Phonetics**. The University of Chicago Press: Chigago & London, 1962.

LADEFOGED, Peter. **Three Area of Experimental Phonetics: Stress and Respiratory Activity, The Nature of Vowel Quality, Units in the perception and production Speech.** London: Oxford University Press, 1967.

LADEFOGED, Peter. **A Course in Phonetics.** Second Edition. Harcourt Brace Jovanovich, Publishers. San Diego, New York, Chicago, Atlanta, Washington, D.C, 1975.

LADEFOGED, Peter. **A Course in Phonetics.** Third Edition. Harcourt Brace Jovanovich, Publishers. Philadelphia, San Diego, New York, Orlando, Austin, San Antonio, Toronto, Montreal, London, Sydney, Tokyo, 1990.

LADEFOGED, Peter; JONHSON, Keith. **A Course in Phonetics.** 6th Edition. Boston: Wadsworth, 2011.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. **The Sounds of the World's Languages.** Blackwell Publishers. Cambridge, Massachusetts. USA, 1995.

LANGA, David. Ideofones em changana. In: NGUNGA, Armindo; PEREIRA, Inocência (orgs.). **Progressos da Investigação em Ciências Sociais e Humanas.** Maputo: Imprensa Universitária - Universidade Eduardo Mondlane, 2004. p. 59-77.

LANGA, David. **Morfofonologia do verbo em changana.** Maputo: Centro dos Estudos Africanos, 2013.

MARTINS, Maria Raquel Delgado. **Ouvir Falar:** Introdução à fonética do Português. Lisboa: Caminho, 1988.

MEEUSSEN, Achille Emile. Bantu grammatical reconstructions. **Africana Linguistica III** - Annalen van het Koninklijk Museum voor Midden-Afrika, menselijke wetenschappen, Tervuren, 1967, n 61, p. 79-121.

MOURA, Heronildes; NHAMPOCA, Ezra. Um caso de iconicidade em classes de palavras: os ideofones na língua changana. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 75, p. 48-58, set./dez. 2017.

NGUNGA, Armindo. **Phonology and Morphology of Ciyao Verbs**. New York, Chicago, San Francisco, Toronto, London: Holt, Rinehart and Winston, 2000.

NGUNGA, Armindo. **Introdução à linguística bantu**. Maputo: Imprensa Universitária-Universidade Eduardo Mondlane, 2004.

NHAMPOCA, Ezra. **Identidade categorial e função dos ideofones do Changana**. 2018. 347 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Brasil, Florianópolis.

NHAMPOCA, Ezra. **Compilação de um dicionário de ideofones do changana: uma proposta metodológica**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2016.

NHAMPOCA, Ezra. Um Estudo Preliminar sobre alguns aspectos da morfologia dos ideofones do changana. **Linguasagem**, São Carlos, vol. 24 n.1, 2015.

NHAMPOCA, Ezra. **Uma proposta metodológica para a compilação de um dicionário de ideofones do changana**. 2010. 67 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2010.

NHAMPOCA, Ezra. Revisitando alguns ideofones do changana. In: NGUNGA, Armindo (org.). **Lexicografia e Descrição das Línguas Bantu**. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) – Universidade Eduardo Mondlane, 2009. p. 137-146.

OUWEHAND, Mariette. **Everyday Tsonga**. Johannesburg: Swiss Mission in South Africa, 1965.

PIKE, Kenneth L. **Phonetics: A Critical Analysis of Phonetic Theory and a Technic for the Practical description of Sounds** _ Ann Arbor: The University of Michigan Press. USA, 1943.

RIBEIRO, Armando. **Dicionário Gramatical Changana**. Maputo: Paulinas, 2010.

SITOE, Bento. **Dicionário Changana - Português**. 2. ed. Maputo: Textos Editores, 2011.

SITOE, Bento. **Dicionário Changana - Português**. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação (INDE), 1996.

SITOE, Bento. **Verbs of Motion in Changana**. Leiden: Research School CNWS, University of Leiden, 2001.

SITOE, Bento; NGUNGA, Armindo. **Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas**: separata da língua changana. (Relatório do II Seminário). Maputo: NELIMO, 2000.

SLOBIN, Dan I. The many ways to search for a frog: Linguistic typology and the expression of motion events. In: STRÖMQVIST, Sven; VERHOEVEN, Ludo. (eds.). **Relating events in narrative: typological and contextual perspectives**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2004. V. 2, p. 219-257.

Recebido em: 21/11/2018

Aceito em: 02/12/2018